

O resgate de um esquecimento literário

Sheila Fernandez Garcia

Mestre em História da Literatura

Universidade Federal do Rio Grande

sheilaletras@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho pretende resgatar, divulgar e apresentar uma síntese da análise da obra do autor pelotense Carlos Eugênio Fontana, a qual se revelou de suma importância para a compreensão da formação do sistema literário no Rio Grande do Sul, sendo que este autor foi um dos pioneiros na produção de prosa romanesca no Estado. Em 1858, Carlos Eugênio Fontana publicou o romance *O homem maldito* e, em 1860, a novela *Cenas da vida*. Por serem precursoras do gênero no Estado e estarem dentro do padrão literário vigente na época, o estudo destas obras torna-se necessário para a compreensão do processo literário na região sul do país. Contudo, cabe ressaltar que as análises deter-se-ão no romance *O homem maldito*, por este apresentar recursos literários propícios a uma investigação teórica.

Palavras-chave: Carlos Eugênio Fontana. Gêneros literários. Literatura sul-riograndense

O homem maldito é um romance, publicado no ano de 1858, pelo escritor Carlos Eugênio Fontana, o qual nasceu em Pelotas, mas desenvolveu sua atividade literária na cidade de Rio Grande. O engajamento de Fontana nas causas sociais da época e seu forte caráter liberal deram um tom particular a sua obra, servindo de pano de fundo para seus escritos literários e para seus artigos jornalísticos.

O contexto político da época, turbulento em vários aspectos, caracterizando-se pela intensa perseguição política e represálias aos que, com seus escritos, enfrentavam com destemor a corrupção e os desmandos reinantes dos aliados do Império, obrigou o autor a valer-se de pseudônimos, em seus escritos jornalísticos, visando preservar-se dos governantes.

Esse artifício pode lamentavelmente ter acarretado que outros escritos analisados na pesquisa realizada nos jornais da época, embora com fortes evidências de serem de autoria de Fontana, em razão de temas, formas de abordagens e estilo de escrita ser semelhantes e, também, por serem publicados no mesmo periódico em que habitualmente o autor escrevia. Todavia, por falta de maiores elementos a validar essa produção literária, não foi possível afirmar categoricamente que se tratava realmente do mesmo autor.

Ainda mencionando o subterfúgio do anonimato de que Fontana se valeu em seus escritos públicos, a pesquisa constatou que esse fato contribuiu para a perda da sua identidade como

autor, comprometendo o seu merecido reconhecimento na história literária pela inteireza do conjunto de sua obra.

Por outro lado, pode ter tido outra consequência mais lamentável e perniciosa, visto que esse anonimato gerou também certa desvalorização das poucas obras assinadas pelo autor que - sem ter um conjunto literário mais consistente - acabou comprometendo a sua credibilidade na crítica, sendo esquecido ao longo do século XX.

No entanto, ressaltamos que, muito embora Fontana tenha apenas duas obras publicadas, elas merecem ser reavaliadas e relidas por estarem dentro do padrão literário vigente na época e por apresentarem elementos fecundos para uma investigação teórica e literária em pleno século XXI.

Além disso, cabe reafirmar a relevância do autor quanto ao pioneirismo na produção de prosa de ficção no Rio Grande do Sul. Fato confirmado pela historiografia literária, em razão de que o notório romance *Divina pastora*, de autoria de Caldre e Fião, ter sido publicado no ano de 1847 e, logo depois, *O corsário*, em 1851, de idêntico autor. A rara produção literária à época restringe-se a poucos romances, como *Um defunto ressuscitado* (1856), de Carlos Jansen, a *A donzela de Veneza* e *A véspera da batalha*, romances de Koseritz, publicados em 1858, mesmo ano em que Carlos Eugênio Fontana publica o quarto romance do Estado, *O homem maldito*.

Contudo, a importância deste autor na historiografia sulina não se dá apenas por ser um dos precursores do gênero romance no

Estado, mas também pelo seu importante papel para o pleno desenvolvimento intelectual e literário na região. Seu nome aparece na *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar, como um dos influentes autores que colaboraram, junto com Apolinário Porto Alegre e Caldre e Fião, nas revistas *O Guaíba* e *Arcádia*, primeiros veículos gaúchos de comunicação essencialmente literários, o que instigou ainda mais a efervescência cultural e literária, resultando num movimento que viria a ser um grande marco de reconhecimento e apogeu para a história da literatura sul-rio-grandense: o Partenon Literário.

Ademais, cabe frisar que, além de ser colaborador da *Revista Mensal do Partenon Literário* e suas antecessoras, Fontana desenvolveu um peculiar papel na história e na literatura da cidade do Rio Grande, que foi um dos principais centros culturais do Estado no limiar do século XIX. Escreveu *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade desde o seu descobrimento e fundação até acontecimentos contemporâneos a sua existência*, os quais, segundo Guilhermino Cesar, foram publicados “a partir de maio de 1867 na *Arcádia* e reproduzidos em 1887 na revista *Partenon Literário*” (CESAR, 1971, p.310).

Mas, como ocorre com diversos escritores e obras do período, muitos desses valiosos escritos estão perdidos nas bibliotecas do país, ocultando parte da nossa história literária. No entanto, conseguimos localizar, na Biblioteca Rio-Grandense, o romance *O homem maldito*, foco deste trabalho, e a novela *Cenas da vida*. E devemos a este achado a possibilidade de resgatar, analisar e

acrescentar à história da literatura do Rio Grande do Sul a obra deste autor, preenchendo assim uma parte da grande lacuna existente na rica historiografia literária gaúcha.

É como se este trabalho fizesse parte de um enorme mosaico, que precisa ser devidamente completado, para que se possa realmente compreender e apreciar inteiramente a literatura produzida no Estado. Desta forma, adentramos na análise do romance *O homem maldito*, avaliando a sua influência na formação e consolidação do sistema literário rio-grandino e gaúcho no século XIX.

No entanto, para compreendermos a influência da obra de Fontana na formação e consolidação do sistema literário na região, julgamos necessário destacar algumas reflexões sobre a noção de literatura e de sistema propostas por Antônio Cândido, na *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Para Cândido, a literatura propriamente dita é considerada a partir de um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que vão desde características internas como língua, temas e imagens até elementos de natureza social e psíquica, as quais permitem que se reconheçam notas dominantes de uma determinada fase.

Desta forma, de acordo com o autor, para que haja um sistema literário, é necessário,

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem,

traduzida em estilos) que liga uns aos outros (CANDIDO, 2009, p.25).

É o conjunto destes três elementos que gera a comunicação literária, aparecendo sob este ângulo como um sistema simbólico, e, prosseguindo em sua preleção a este respeito, o autor afirma que, “quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária” (CANDIDO, 2009, p.25).

Portanto, se formos levar em consideração que Fontana foi integrante de um importante grupo de intelectuais gaúchos que contribuíram para organizar, sistematizar e difundir a atividade literária no Estado, colaborando com seus escritos para revistas e periódicos de suma importância, como o *Guaíba*, a *Arcádia* e o *Partenon*. Poderíamos, assim, assegurar que Fontana teve um papel importante nesse período de formação do sistema literário gaúcho.

Esses intelectuais manifestavam uma singular vontade de fazer literatura no Rio Grande do Sul e são considerados pelos seus sucessores e pela crítica como os fundadores de uma organizada tradição literária no Estado, com estilos, temas, formas e preocupações bem próprias. E por isso, dizemos que assim começou a se estruturar um sistema literário no Estado, o qual contava com influentes escritores.

Depois da Revolução Farroupilha (1835-1845), o sentimento liberalista acentuou-se no Rio Grande do Sul e a atividade literária foi cada vez mais sendo considerada como parte de um esforço

extremo, por expressar os anseios de liberdade e justiça social que visavam uma particularização e certa diferenciação dos temas, estilos e dos modos de exprimi-los, o que gerava uma espécie de consciência coletiva dos autores quanto ao seu papel de protagonistas nessa histórica e honrosa luta.

Foi dentro deste contexto que Fontana publicou *O homem maldito*, romance que abrange um nível histórico, psicológico e moral que, em certos momentos, chega ser um pouco ousado para seu tempo, pois aborda assuntos tratados com grande limitação e restrição pelos nossos primeiros romancistas. O texto apresenta, como pano de fundo, episódios comuns na época, como a Revolução Farroupilha, a luta por igualdade e justiça social e a instigante rivalidade entre liberais e conservadores, assim como o surgimento da imprensa em Jaguarão.

Principiada na década de 1840, a narração demonstra a aflição, o medo e a insegurança vivenciados pelo povo da pequena província de Jaguarão, no extremo sul do Estado, em decorrência da turbulenta efervescência política que a Revolução causara na região.

O romance, narrado em terceira pessoa, abre espaço em diversos momentos para o discurso direto e, assim, o narrador onisciente dá voz aos personagens, gerando no leitor a impressão de momentaneidade temporal. O protagonista do enredo, que se utiliza deste espaço aberto pelo narrador para expor seus ideais, indignações e pensamentos, chama-se Carlos, mesmo nome do autor da obra.

Igualmente, seu antagonista, José Luis, tem o mesmo nome do rival político do escritor e jornalista Carlos Eugênio Fontana, que se chamava historicamente - comprovado em notícias do jornal *O Povo* - José Luis Corrêa da Câmara, assim como diversas situações vivenciadas pelos personagens no romance se equiparam às situações reais da época, bem como outros personagens secundários também possuem o mesmo nome e sobrenome de figuras históricas da região.

Além destes dois personagens centrais, a obra apresenta diversos personagens que contribuem significativamente para a construção do enredo: É o caso do Capitão Fabiane, pai de Carlos, o qual, no leito de morte, instiga no filho o sentimento de vingança que vai conduzir parte da história; Heloísa, irmã de Carlos, é a mulher que desonra a família com o antagonista, gerando grande conflito; Sofia, o grande amor da vida de Carlos, que é submetida por seu tio Félix a casar por interesses financeiros com José Luis, aumentando ainda mais a discórdia entre os dois personagens principais. Também aparecem diversos personagens secundários, alguns de cunho histórico e outros aparentemente ficcionais, os quais contribuem para intensificar as diversas narrações explicitadas na obra.

Cabe ressaltar que a nítida semelhança entre os personagens e acontecimentos reais com os fictícios é constatada na leitura de jornais da época, principalmente *O Povo*, de 1856 e 1857, anos que antecedem a publicação de *O homem maldito*, e que, por isso,

configura-se num indício de que os limites entre história e ficção estão muito tênues no romance de Fontana.

Percebe-se, porém, que a invenção narrativa transcende a vida real dos personagens, configurando-se numa história livre dos compromissos com o factual. Nesta história, contada em 104 páginas, dividida em 13 capítulos, o personagem Carlos trava uma luta ideológica, política e pessoal contra o vilão José Luís e este embate interfere diretamente na vida de outros personagens e na sociedade jaguarense como um todo.

Fontana traz à tona crimes, corrupções, mandos e desmandos do governo imperial, assim como os costumes sociais e morais da cidade de Jaguarão, e a luta dos liberais por justiça na região. Um exemplo da difícil situação em que se encontrava a cidade no período é o trecho no qual o Capitão Fabiane desabafa com sua filha Heloísa, à espera de Carlos, que estava em plena batalha:

mas o estado atual de Jaguarão, me faz temer; hoje nesta Malfadada vila, a vida, os interesses, e as garantias de todos seus habitantes estão à disposição de três ou quatro entes miseráveis, que, revestidos com o manto do poder, dispõem da existência de qualquer cidadão pacífico, somente por não querer este ligar-se a suas tramas e maquinações infernais, sim minha filha, é preciso partir deste torrão e procurar um asilo em qualquer outra parte onde impere a lei e o povo goze com amplidão dos seus direitos (FONTANA, 2012, p.9).

Assim, notamos que a corrupção imperava na Jaguarão ficcional e quem não se aliava ao poder imperial era considerado

inimigo, sendo perseguido, muitas vezes até a morte, como foi o caso dos membros da família Fabiane. É importante salientar, ainda, que o trecho transcrito apresenta um dado biográfico ocorrido na família do autor Carlos, que, durante a Revolução Farroupilha, teve que buscar asilo em outro país, na cidade de Buenos Aires, na Argentina.

Contudo, a família ficcional de Carlos, apesar do desejo do patriarca, não segue o caminho do asilo político e resolve enfrentar o poder lutando até o fim por justiça e uma realidade mais feliz para seu povo, mesmo sabendo que esta mudança ainda estava longe de acontecer, conforme verificamos no discurso do próprio Capitão Fabiane, o qual afirma que

essa nova era raiará para Jaguarão, mas não tão cedo; muitas vítimas têm de ser ainda sacrificadas; o punhal e o bacamarte têm de dominar ainda; é preciso decepar muitas cabeças para saciar o instinto feroz desses tigres que nos dominam, oh! Minha filha, quando pensei que a liberdade erguesse seu trono nas campinas do sul, foi que o férreo grilhão da tirania nos veio prender! Quando pensei que tinha selado com meu sangue o liberalismo, eis que assoma sua rude cabeça o despotismo! Oh meu Deus! Meu Deus! (FONTANA, 2012, p.9).

O personagem estava certo, pois, a partir de então, a narrativa se desenrola de forma linear, e o narrador descreve o percurso vivido pelo personagem José Luís, desde o final da Revolução Farroupilha até 1858. Nesse lapso temporal, são relatados alguns fatos de ordem histórica, como o surto de cólera,

o surgimento da imprensa em Jaguarão, ambos em 1855, os assassinatos de algumas personalidades políticas etc. e outros fatos ficcionais, como as relações conflituosas entre o quarteto amoroso formado por Carlos, Sofia, José Luís e Heloísa.

O importante é salientar que, em ambos os eixos temáticos, as perversidades do personagem José Luís aparecem, interferindo negativamente e castigando a família Fabiane e a sociedade em geral com seus crimes e malfeitos. Assim, José Luís, no romance, personifica o mal, pois o leitor faz sua catarse e não consegue ficar indiferente, revoltando-se com suas atitudes.

Assim, Carlos, homem honesto, justo e com ideais liberais, enfrenta as atrocidades de José Luís, homem sem escrúpulos, com um notório passado obscuro carregado de crimes e corrupção que faz jus ao título da obra, *O homem maldito*. Mas esta missão assumida por Carlos custou-lhe um alto preço, pois aguçou ainda mais a ira e o instinto assassino do vilão, o qual não mediu esforços para eliminar os rivais do seu caminho.

Contudo, é importante ressaltar que as histórias narradas por Fontana a respeito destes dois personagens na obra se assemelham as histórias factuais dos personagens históricos: o jornalista Carlos Fontana e o sobrinho do governador José Luís Corrêa da Câmara, sendo que, como vimos também existem vários outros nomes, acontecimentos, documentos, locais e narrações que remetem à história vivida pelo povo de Jaguarão, na década de 1850.

Dessa forma, constatamos que a obra apresenta elementos propícios a uma investigação teórica sobre gêneros literários

provenientes desta intrínseca relação entre história e ficção. Porém, no momento não entraremos nestas questões, visto que nosso objetivo era apenas divulgar e apresentar a obra como um verdadeiro resgate literário da região Sul do país.

No entanto, baseado no que foi exposto ao longo deste trabalho, podemos afirmar que *O homem maldito* é uma obra de extrema importância, não apenas por apresentar elementos propícios a uma investigação sobre a teoria dos gêneros, e por ser precursor do gênero romance na região do extremo sul, mas também pelo seu importante papel para o pleno desenvolvimento intelectual e literário no Estado.

Como observamos, seu nome aparece na *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar, como um dos influentes autores que colaboraram, junto com Apolinário Porto Alegre e Caldre e Fião nas revistas *O Guaíba* e *Arcádia*, primeiros veículos gaúchos de comunicação essencialmente literários, a partir dos quais se começou a ter, na região, uma vida cultural e literária mais plena e organizada, resultando num movimento que viria a ser um grande marco de reconhecimento e apogeu para a história da literatura sul-rio-grandense: o Partenon Literário.

Por Fontana ter participado ativamente de toda esta construção, podemos constatar que o mesmo adquire um relevante papel na formação e consolidação do sistema literário sul-rio-grandense. Além disso, as análises comprovaram que Fontana foi um homem de seu tempo, que sua obra fez a diferença no período

de formação de certa identidade literária, e que ainda hoje pode fazer a diferença influenciando os estudos contemporâneos da literatura, já que apresenta uma estrutura repleta de elementos propícios a variadas investigações teóricas.

Referências:

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ ABL; São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ARISTÓTELES. Poética. In. ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

CEIA, Carlos. Gêneros literários. In: _____. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <www.2.fcsh.unl/edtl/verbetes/G/gêneros_literarios.htm>. Acesso em: 20 maio 2012.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: ABL, 2001.

FONTANA, Carlos Eugênio. *O homem maldito*. Rio Grande: Tipografia Echo do Sul, 1858.

_____. Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade de Rio Grande. *Revista Mensal do Partenon literário*, Porto Alegre, n. 6, 8, 9 e 12, 1874-1875.

_____. O homem maldito, o início do romance rio-grandino. In: 3º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PERIÓDICOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 2010, Rio Grande. Anais... Rio Grande: FURG, 2010, CD-ROM.

_____. As fronteiras entre realidade e ficção no romance gaúcho O homem maldito de Carlos Eugênio Fontana. In: ANAIS DA IX MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA E XII ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2010, Rio Grande. Anais... Rio Grande: FURG, 2010.